

## A REVISTA FEMININA E SUAS IMAGENS: NARRATIVAS VISUAIS E DISCURSOS DE GÊNERO\*

Ana Carolina Eiras Coelho Soares\*\*

**Resumo:** o objetivo central do presente trabalho é estudar as narrativas visuais dispostas na Revista Feminina na edição de Janeiro de 1923 através da categoria de gênero. As figuras presentes na edição desta publicação apresentam um interessante discurso a respeito dos parâmetros reguladores dos comportamentos socialmente desejáveis do feminino e masculino. As imagens apresentam-se como uma possibilidade rica de análise, pois suas escolhas são permeadas de princípios e noções prévias, cujas nuances podem ser percebidas como experiências discursivas sobre os gêneros, uma vez que as imagens buscam referendar e materializar os discursos da mídia impressa.

**Palavras-chave:** Revista Feminina. Gênero. Imagens.

## THE REVISTA FEMININA AND THEIR IMAGES: VISUAL NARRATIVES AND DISCOURSES OF GENDER

**Abstract:** *the central point of this work is to study the narratives visually dispose in the Revista Feminina in the January issue of 1923 by the category of gender. The figures in the publishing of this publication are an interesting speech about the parameters regulators of behaviour socially desirable of the male and female. The images it presents itself as an substantial opportunity of analysis, because their choices are fill of principles and concepts preconditions, whose subtle shades can be understand like experiences discursives about gender relation, once again that the images searching for endorse and practise the speeches of the printed in midia.*

**Keywords:** *Revista Feminina. Gender. Images.*

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa desenvolvida na Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás<sup>1</sup> e tem como objetivo central estudar as narrativas visuais do feminino e do masculino, dentro de uma revista voltada para a mulher, no início do século XX: a *Revista Feminina*. O conjunto de imagens veiculadas pelo periódico constitui um foco de análise dos sistemas de representações e de valoração do universo vivenciado e compartilhado pelas

\* Recebido em: 08.02.2012. Aprovado em: 27.02.2012.

\*\* Doutora em História Política pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Professora Adjunta da Universidade Federal de Goiás (UFG). Pesquisadora do Centro de Estudos do Oitocentos, do Laboratório Redes de Poder e Relações Culturais e pesquisadora CNPq com o projeto “Revista Feminina em revista: feminilidades e masculinidades sob o olhar das páginas impressas (1914-1936)”. E-mail: anacarolinaufg@gmail.com



editoras e leitoras. São, portanto, simultaneamente representações de experiências e expectativas idealizadas sobre o universo feminino. A compreensão dos parâmetros reguladores dessas figuras veiculadas pelo periódico pode ser percebida como parte de um discurso normatizador dos comportamentos socialmente desejáveis, para homens e mulheres, nos primórdios da República.

A noção de narrativa visual decorre do entendimento das imagens publicadas no periódico como sendo parte de um discurso que informa suas leitoras dos limites e possibilidades de atuação e interesse. As imagens carregam consigo valores e ideias a respeito do mundo. São, portanto, percepções que subjetivamente constroem uma noção valorativa do mundo e das relações entre os gêneros.

Para a realização deste artigo<sup>2</sup>, foi necessária uma contextualização histórica própria das imagens analisadas no periódico, a partir da noção de narrativa visual, que compreende as imagens como práticas discursivas.

[...] a cultura visual é produtora de significados que estão imersos em relações de poder. Esses significados regulam as percepções, os gestos, os sentimentos, os pensamentos, os hábitos e as maneiras de perceber a si e aos demais, dizendo como um homem e uma mulher devem agir socialmente em determinado contexto (NUNES, 2010, p. 168).

É fundamental, portanto, o entendimento de que toda prática discursiva é precedida de uma série de princípios e noções que compõem o universo mental dos discursos, através de ideias e convenções próprias de uma época. É necessário perceber as nuances das permanências e mudanças nas estruturas relacionais de gênero.

Tal análise da *Revista Feminina* teve como referencial teórico a noção de Paul Ricoeur sobre sensibilidades, segundo a qual a publicação fazia parte de uma maneira própria de pensar e agir da época, e deveria ser percebida como uma reconstituição de sistemas de representações e, conseqüentemente, de apreciação ou valoração do mundo (RICOEUR, 1991).

Neste artigo analiso algumas imagens compreendidas na edição de janeiro de 1923, como recorte de minha pesquisa<sup>3</sup> mais ampla que compreende todos os anos de edição da *Revista Feminina*. As imagens foram percebidas como construções vivas de experiências vivenciadas pelo coletivo naquele momento histórico, expresso representativamente nos elementos constitutivos das figuras impressas. A importância do estudo desta parte da *Revista Feminina* está na possibilidade da ampliação das referências socialmente condicionadas e condicionantes da natureza dos femininos e masculinos possíveis. Não somente nos discursos impressos, mas em todos os aspectos da publicação descortina-se a intencionalidade de normatizar e regular os espaços sociais dos gêneros.

A cultura visual é, neste sentido, simultaneamente produtora e reprodutora das identidades fabricadas entre os gêneros, posto que através das imagens pode-se aprender – como em um jogo de certo e errado – quais os signos diferenciadores do feminino e do masculino.

Em janeiro de 1923 a *Revista Feminina* publicou 37 imagens ao longo de sua edição, entre gravuras, desenhos e fotografias. Entendo que a análise deste conjunto visual, para além das reportagens e artigos textuais, compõe uma narrativa subjetiva sobre os espaços, itens e signos relevantes para a constituição do universo do feminino e, relacionalmente para o masculino. Não pretendo com isso negar a importância do material textual, mas compreender que as imagens constituem discursos possíveis de serem pensado enquanto construtores de subjetividades e, para além da mensagem escrita, localizam os sujeitos em seus lugares de poder socialmente.

Com relação às questões referentes ao masculino, cabem aqui algumas considerações: A *Revista Feminina* era uma publicação voltada para o público feminino e, portanto, suas seções, imagens e edições estavam preocupadas em atender as expectativas e demandas de suas leitoras. No entanto, ao definir os assuntos ditos de interesse das mulheres, o periódico delimitava os espaços interditos ao feminino. Como numa relação de espelho, ao afirmar que o espaço do feminino era a casa, a rua assumia a conotação do masculino. De fato, diversas seções escritas explicitavam essa dicotomia e criticavam as mulheres que não valorizavam suas casas, ou porque queriam trabalhar “como os homens” ou em detrimento de divertimentos nos espaços públicos. Muito embora essas narrativas se componham de discursos normatizadores, e muitas vezes idealizados, estes compõem o universo mental e as noções valorativas a respeito das relações entre os gêneros.



A primeira imagem é a capa da *Revista*. Nela vemos uma mulher sorridente, com cabelos soltos ao vento e roupa com motivos náuticos. Apesar das roupas de manga comprida, o vento nas roupas e nos cabelos passa a sensação de leveza e alegria. Em janeiro é verão no Brasil, tempo de regatas no litoral, em especial no sudeste – mais especificamente na capital carioca – e de atividades ao ar livre, incentivadas desde o início do século, como benéficas à saúde, além de serem espaços de encontro social.



Figura 01

A primeira matéria é bem ilustrada. O assunto é moda e podemos observar uma série de chapéus que, com diferentes formatos e tamanhos, parecem servir aos propósitos de elegância e graça da toilette.

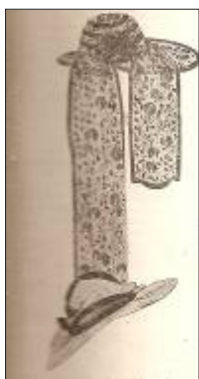


Figura 02

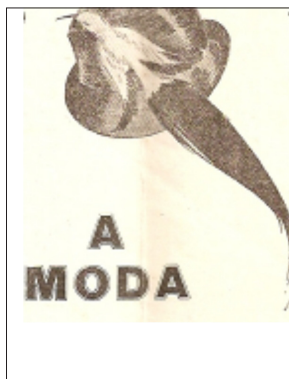


Figura 03



Figura 04



Figura 05

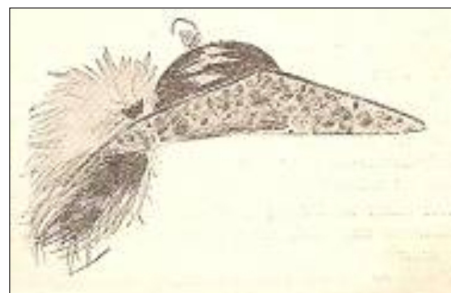


Figura 06

Em seguida, na mesma matéria, que se estende por quatro páginas, sete croquis parecem exemplificar os argumentos da parte textual. No entanto, o material visual cria por si mesmo um interessante leque de variações das possíveis roupas, acessórios e mesmo gestual necessários para a mulher “moderna”. A presença onipresente das saias longas, echarpes, lenços e enormes chapéus sugerem pouca mobilidade e necessidade de esforço físico. Trata-se, portanto, de mulheres que não desempenham funções operárias na sociedade e cujos recursos financeiros permitem gastos com vestuário e acessórios.

[...] a vestimenta é uma linguagem simbólica, um estratagema que o homem sempre se serviu para tornar inteligíveis uma série de idéias como o estado emocional, as ocasiões sociais, a ocupação ou o nível do portador. Cada classe, por exemplo, possuía um certo número de sinais que a caracterizavam: uma amplitude determinada da saia das mulheres ou do gibão dos homens, um dado comprimento ou uma dada largura dos sapatos, uma extensão diversa da cauda, dos véus ou das mangas. Tais recursos, que à medida que se elevava na escala social se tornavam mais exagerados, ‘teriam como objetivo – é o ponto de vista de Veblen – demonstrar através do desconforto, a todos os observadores, que seu portador não estava empenhado em nenhuma espécie de trabalho produtivo e pertencia, por conseguinte, à classe privilegiada, à classe ociosa. [...] Todos estes expedientes, que pareciam desempenhar uma função estética, eram na verdade empecilhos vitais, usados para sublinhar o nível social’ (SOUZA, 1996, p. 125-126, grifos nossos).

A postura corporal das modelos dos croquis sugere figuras em atividades de lazer, como eventos sociais ao ar livre no caso da dama de leque de plumas e as damas de sombrinha.



Figura 07



Figura 08



Figura 09



Figura 10



Figura 11



Figura 12



Figura 13

Em seguida há uma série de imagens, dentre fotografuras e desenhos, ilustrando uma seção de contos. Nesta sequência aparecem quatro imagens: uma casa, uma moça de vestido longo tendo sua mão segura por um homem de aparência mais velha vestido de terno e gravata, uma mulher sentada folheando uma revista em seu colo com uma menina sentada com um livro entre os joelhos, em um banco próximo aos pés da senhora mais velha, e uma mulher ajoelhada costurando um vestido colocado em um manequim. Pensando exclusivamente em termos das imagens proporcionadas, os espaços do feminino se constituem das tarefas exclusivamente domésticas, ou seja, a pequena casa apresentada na figura 14. A costura e educação feminina aparecem como tarefas a serem desempenhadas no espaço do privado. Além disso, na figura 15 o masculino surge sedutor e seguro de si, tomando a mão da mulher que corresponde ao ato com uma expressão profundamente enamorada. Nesta imagem é possível observar um recurso interessante, pois há dois tipos de posturas corporais presentes. Da cintura para baixo a figura feminina espelha a postura masculina, na correspondência romântica de aproximação dos corpos. Da cintura para cima, no entanto, o corpo masculino inclina-se sobre o feminino numa demonstração de conquista. As vestimentas masculinas são sóbrias e elegantes, demonstrando uma maior capacidade de mobilidade uma vez que ao homem cabia a movimentação no espaço público. O homem aparece então preponderante na imagem, arrebatando tanto visualmente a cena quanto à mulher em questão.



Figura 14



Figura 15



Figura 16



Figura 17

No artigo seguinte da revista há novamente uma série de imagens ilustrativas bastante interessantes. A primeira ambienta-se em uma cozinha onde aparecem duas mulheres, uma delas alta e esguia, de cabelos presos em formato de coque, vestida com uma espécie de jaleco branco e com um livro em uma das mãos. A outra mão está erguida com um dedo em riste parecendo ler em voz alta

para a segunda mulher que está de vestido longo preso e avental, cabelos igualmente em formato de coque, e postura ligeiramente envergada, em uma das mãos possui uma lata cujo conteúdo esta sendo despejado na vasilha que a mesma segura com a outra mão. A segunda imagem mostra um cenário semelhante, dando enfoque à mesa da cozinha, e aparece apenas a mulher alta e esguia que dava instruções na figura 18. Sozinha, ela mesma se ocupa em preparar a comida. A terceira imagem mostra esta mesma mulher, agora sentada em uma mesa de jantar, com vários pratos servidos e o aroma dos mesmos subindo pelas travessas em uma espécie de fumaça sedutora, uma vez que todas as pessoas presentes parecem inebriados curvando-se em direção à mulher sentada. Na figura 20, esta mulher não está mais de jaleco, mas com uma vestimenta branca de alças, um bracelete e brincos, ou seja, com uma aparência produzida para algum tipo de evento social. A imagem deixa claro que a sedução feminina reside em seus dotes culinários, e uma mulher que saiba produzir guloseimas apetitosas pode envolver os convidados, tornando-se o centro das atenções nos eventos domiciliares.

O título desta matéria é “Os deveres de uma dona de casa”. Se as palavras escritas não foram suficientes para a leitora compreender a dimensão de tais obrigações, certamente as imagens criaram um cenário das conseqüências do bom cumprimento de suas atribuições e comportamento na sociedade. Interessante observar que na mesma edição há um pequeno artigo criticando a formação das futuras esposas brasileiras e apoiando a criação de uma Escola Nacional de Economia doméstica, para que as mulheres pudessem aprender, nas palavras da própria revista,

uma dose de conhecimentos práticos e excelentes que farão com que ela espalhe a felicidade, animado em que toque, venha a criar o conforto na casa, o bem estar dos filhos e do companheiro, sabendo bastar a si e aos seus (*Revista Feminina*, jan. 1923).



Figura 18



Figura 19



Figura 20

A beleza e a graça dos objetos domésticos também aparecem na *Revista Feminina*, uma vez que tais objetos não funcionavam apenas como itens de decoração, mas tinham um caráter de *status* para as damas que os possuíam. Nos jantares e eventos domiciliares poderiam ser expostos e comentados, dotando a dona de qualidades refinadas e com um senso estético apurado para tornar a casa um espaço aconchegante e elegante para o convívio, ou seja, um lar para o qual o marido e as crianças se sentissem felizes em retornar e se manter. Este era inclusive um dos importantes argumentos a favor da educação feminina, presente em diversos periódicos em meados do século XIX – como, por exemplo, o “*Jornal das Moças*” – que está presente em diversos artigos da *Revista Feminina* nas primeiras décadas do século XX.





Figura 21

Imagens de crianças brincando, de bebês, de famílias, compõem uma série de gravuras ao longo das páginas seguintes. A figura 25 mostra uma moça divertindo-se ao piano, ocupação fundamental na educação da mulher moderna, de acordo com os parâmetros da *Revista Feminina*.



"Minha filha".

Figura 22



"Minha filha".

Figura 23



"Minha filha".

Figura 24



"No piano".

Figura 14



"A aluna lêmbri".

Figura 14

As imagens masculinas são significativamente diferentes. Ilustrando um conto as figuras 27 e 28 mostram senhores com expressões sisudas e vestimentas formais. A primeira imagem mostra um homem sentado ao lado de uma escrivaninha com alguns papéis, com ar pensativo e sério. Está vestindo um casaco e seu corpo parece pronto para levantar e sair.

A roupa me parece ser uma maneira de pensar o sensível. Justifica-se, pois, aplicar à sua análise os modelos que empregamos para compreender a mudança social. Sua economia revela uma organização das estratégias sociais de que está de acordo com o poder dos signos. (ROCHE, 2007, p. 513).

A segunda imagem mostra dois homens na rua conversando. Ambas as imagens deixam claro o espaço do masculino, que em contraposição ao feminino reside no movimento e na ação do espaço público.



Figura 27



Figura 28

O discurso textual da Revista Feminina incentivava o trabalho feminino, mas a narrativa visual conta outra história. A mulher que trabalhava fora do ambiente doméstico, não zelava pelo lar e era, ao mesmo tempo, causa e conseqüência direta dos males modernos. As práticas cotidianas apresentadas nas imagens da referida revista mantinham a divisão naturalizada das funções sociais: a mulher caberia o reinado doméstico e ao homem a gerência do público.

A análise à luz dos discursos de época descortina a possibilidade de entendimentos das construções sociais que naturalizaram os lugares sociais entre os gêneros. A mulher moderna deveria saber incorporar as novidades do mundo, sem perder as características de docilidade e submissão já consagradas no império brasileiro.

Acredito que a possibilidade de mudança dos discursos e práticas, que tendem a emoldurar mulheres e homens em quadros definidos sobre suas condutas em sociedade, reside no entendimento de que as funções sociais são historicamente construídas.

As narrativas visuais apresentadas ao longo da *Revista Feminina* evidenciam sistemas de representações que consagram a dicotomia entre público/privado como parte do universo feminino/masculino.

Para Eco, representar iconicamente um objeto significa transcrever, por meio de artifícios gráficos, as propriedades culturais que lhe são atribuídas. Uma cultura, ao definir seus objetos, remete a códigos de reconhecimento que indicam traços pertinentes e caracterizantes do conteúdo. Um código de representação icônica estabelece quais os artifícios gráficos que correspondem aos traços do conteúdo, ou mais exatamente aos elementos pertinentes fixados (selecionados) pelos códigos de reconhecimento (CARDOSO; MAUAD, 1997, p. 404).

Imagens como códigos de reconhecimento culturais e históricos. Imagens como experiências vividas ou expectativas idealizadas. Referências visuais que ainda permeiam as noções subjetivas de constituição do feminino e do masculino, referendadas por imagens que visam consagrar os interesses, os comportamentos e as atitudes em nossa sociedade. Analisar e contextualizar estes limites, espaços e interdições: nisto reside a importância do estudo das narrativas visuais de uma revista voltada para o público feminino no início da República.

#### Notas

- 1 Pesquisa financiada pelo CNPq por meio do Edital MCT/CNPq n. 14/2009 – Universal.
- 2 Parte deste artigo foi apresentado no V *Simpósio Internacional de História - Culturas e Identidades*, ocorrido em 2011 na UFG e as críticas e sugestões feitas durante o debate do Simpósio temático foram incorporados neste texto final.
- 3 O projeto, financiado pelo CNPq, analisa a dinâmica que assumiu a *Revista Feminina*, entre 1914 e 1936, em relação à sua estrutura formal bem como à organização dos principais temas abordados pela publicação para atrair um público leitor feminino assegurando sua veiculação nas três primeiras décadas do século XX. O questionamento da fonte tem como ponto de partida a percepção sobre as liberdades atribuídas e limites conferidos às mulheres nas primeiras décadas do século XX.

#### Referências

- BASSANEZI, Carla. Revistas Femininas e o ideal de Felicidade Conjugal (1945-1964). *Cadernos Pagu*, De trajetórias e sentimentos, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, Campinas, n. 1, 1993.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 401-418.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). *Cadernos Pagu*, Fazendo história das mulheres, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, Campinas, n. 4, 1995.
- \_\_\_\_\_. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- \_\_\_\_\_. *História da leitura no Mundo Ocidental*. São Paulo: Ática, 1999, v. 2.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- LIMA, Sandra Lúcia Lopes. Espelho da Mulher: *Revista Feminina (1916-1925)*. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.
- NUNES, Luciana Borre. A cultura visual nas tramas escolares: a produção da feminilidade nas salas de aula. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.). *Cultura visual e infância: quando as imagens invadem a escola...* Santa Maria: Ed. UFSM, 2010. p. 37-.
- REVISTA FEMININA. Fundação Biblioteca Nacional, jan. 1923.
- RICOEUR, Paul. *Temps et récit*. Paris: Seuil, 1991. 3V.
- ROCHE, Daniel. *A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII)*. São Paulo: Ed. SENAC, 2007.
- SOUZA, Gilda de Mello. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Erico Vital. *Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

